

A poética moderna e os desdobramentos da persona lírica na poesia de Ferreira Gullar

The modern poetic and the lyric persona's ramification in Ferreira Gullar's poetry

Bárbara Del Rio Araújo*

**Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)*

Resumo: O presente artigo visa ao estudo dos desdobramentos da persona lírica na trajetória poética de Ferreira Gullar, especialmente em alguns poemas da obra *Na Vertigem do Dia* (1980). Diante da questão da representação do sujeito e do mundo, que perpassa toda composição poética do escritor, busca-se evidenciar e analisar o fenômeno da despersonalização, pressuposto comum à lírica e à poética moderna. Pretende-se observar os elementos dramáticos, decorrentes da relação poeticamente estabelecida entre a subjetividade poética e a sociedade, como parte de um processo de desfigurativização, que faz com que a persona lírica seja caracterizada tanto pela voz íntima quanto pela voz pública.

Palavras-chave: Poética Moderna. Persona Lírica. Ferreira Gullar.

Abstract: This paper aims the study of lyric persona's ramification in Ferreira Gullar's poetic trajectory, especially in some poems from the book *Na Vertigem do Dia* (1980). Looking at the subject and world's representation, which follow all the writer's poetic composition, we endeavor to verify and analyze the despersonalization phenomenon, referenced in the modern lyric and poetic. We intend to observe the dramatic elements, which is deriving from the relation poetically established between the subjective and the society, as part of a desfigurativization procedure that makes the lyric persona characterized as a private, intimate, voice as a public voice, one becoming the other.

Keywords: Modern Poetic. Lyric Persona. Ferreira Gullar.

Introdução à poética moderna

A lírica moderna, segundo Hugo Friedrich, pode ser identificada pela construção da representação não condicionada a qualquer “ordem espacial, temporal, objetiva e anímica”. Ela subtrai “as distinções entre o belo e o feio, entre a proximidade e a distância, entre a luz e a sombra, entre a dor e a alegria, entre a terra e o céu”. Por ela, impõe-se a transformação, a inversão (FRIEDRICH, 1978, p. 16).

A expressão na poesia moderna é como um produto a ser construído; suas determinações e critérios são elaborados no (e pelo) processo poético. Enquanto a poética da antiguidade e da idade média prefigurava a ideia do Belo, que determinava padrões para a configuração das composições artísticas, a poética moderna fundamenta-se em outra ordem. Ela institui uma mudança da posição do artista tradicional. Esse não é mais associado ao furor da inspiração ou do “gênio”, nem é visto como um tecnicista adestrado às regras. Ao contrário, a pessoa individual do artista só interessa “como inteligência que poetiza, como operador da língua, como artista que experimenta atos de transformação de sua fantasia imperiosa” (FRIEDRICH, 1978, p. 17).

Institui-se, nesse sentido, uma arte compreendida e praticada esteticamente, ou seja, uma arte capaz de afetar a espontaneidade da natureza e inventar a sua regra de gosto, transmitindo uma intenção superior, suprassensível da realidade (NUNES, 2007, p. 108). Nesse aspecto, a produção artística mostra-se transferida do plano da *mimese*, da imitação, para o plano da criação, da representação. Valoriza-se o trabalho artístico, o processo artístico, não mais o surto da expressão individual, ou o condicionamento da técnica. A arte poética torna-se algo, que ultrapassa experiência e normalização e acena para algo que está além:

A poesia quer ser uma criação auto-suficiente, pluriforme na significação, constituindo em um entrelaçamento das forças absolutas, as quais agem sugestivamente em estratos pré-racionais, mas também descolam em vibrações as zonas de mistério dos conceitos. (FRIEDRICH, 1978, p. 16).

Para Hugo Friedrich, a lírica moderna é uma tensão dissonante, que se exprime em “traços de origem arcaica, mística e oculta que contrastam com uma aguda intelectualidade, a simplicidade da exposição com a complexidade daquilo que é expresso” (FRIEDRICH, 1978, p. 16). Trata-se de tensões formais que querem ser entendidas como tais.

Assim, a expressão do sujeito e da realidade no plano poético é vista pelo contraste e pela deformação. A realidade, os conteúdos relativos à vida, os sentimentos íntimos não são tratados descritivamente. A poesia e seu processo de “autotransformação operante” organiza todos esses aspectos em imagens, ideias, linguagens múltiplas, proporcionando uma criação não familiar: “O verso é o resultado do conflito entre o *non-sens* e a semântica cotidiana, é uma semântica particular que existe de maneira independente e se desenvolve segundo as suas próprias leis” (BRIK, 1973, p. 138). Pode-se, assim, dizer que a poética moderna não aspira à cópia, mas sim à transformação, à representação de forças formais tanto interiores (relativas ao sujeito) quanto exteriores (relativas ao mundo).

Hugo Friedrich (1978), ao analisar a poesia de Baudelaire, observa a disciplina espiritual e a clareza poética da consciência artística do escritor. Nesse aspecto, o crítico chama atenção para que a lírica baudelaireana não nasce da unidade de poesia e pessoa empírica. Ainda que nela se represente uma expressão de sofrimento de um homem infeliz e solitário, não se trata de uma exposição confessional do poeta. A isso, Friedrich denomina como despersonalização e diz ser esta a principal característica da lírica moderna.

A ideia de despersonalização chama atenção para a questão da dramatização poética, ou, como diria Fernando Pessoa, “o poeta enquanto um fingidor”. Os sentimentos do eu e o mundo empírico estão na poesia, mas não são propriamente a poesia. São materiais poéticos. A poesia propriamente relaciona-se ao trabalho, à construção formal. Nota-se, pois, o poema como um todo arquitetônico onde se expõe imagens fragmentárias e dissonantes que são galvanizadas dialeticamente na tessitura dos versos:

Pode se falar numa dramaticidade agressiva do poetas moderno. Ela domina na relação entre os temas ou motivos que são mais contrapostos que justapostos, além disso, domina na relação entre esses e um comportamento inquieto de estilo que separa, tanto quanto possível, os sinais do significado. (FRIEDRICH, 1978, p. 17).

A lírica moderna caracteriza-se pela dramatização do eu e do mundo em um trabalho de experimentação da linguagem. Tanto a subjetividade do eu quanto a realidade empírica são combinadas de maneiras diversas e só a partir dessas inusitadas relações se pode apreender o sentido da poesia. “A voz poética, a persona lírica, pode vestir todas as máscaras, estender-se a todas as formas de existências, a todos os tempos e a todos os povos” (FRIEDRICH, 1978, p. 69).

Tomando o processo de despersonalização como uma maneira de estetizar, dramatizar o sujeito e a realidade, busca-se analisar as máscaras da persona lírica, que aparece nos poemas de Ferreira Gullar, especificamente na obra *Na Vertigem do Dia*.

A poética gullariana, como explicitou João Lafetá (2004), se caracteriza pela representação do espetáculo social registrado variavelmente com a expressão íntima do ser, em uma alternância rítmica que, quando se aborda o ser, imediatamente ocorre tratar do mundo e vice-versa. Todos esses elementos são vistos no poema como sequências dialéticas de fragmentos articulados em um trabalho de linguagem. Trata-se de um trabalho de arte demarcado por uma mediação entre a representação de uma identidade nacional e uma identidade pessoal, tudo isso desenvolvido em um intenso trabalho de pesquisa poética, a qual consegue integrar cultura e práxis na elaboração da linguagem. Tanto o sujeito, a realidade, quanto as palavras são despersonalizados na poesia do autor. Esses elementos constroem seu sentido e significação próprios no plano poético. Nota-se que na poesia de Gullar os elementos poéticos são singularizados, e representados no seu grau máximo de percepção. Abandona-se toda automatização e instaura-se a “literariedade” desses elementos, ou seja, o “objeto como visão não como reconhecimento” (CHIKLOVSKI, 1973, p. 45).

1 A despersonalização na poética gullariana sob perspectiva panorâmica

Alcides Villaça (1998), no ensaio “Gullar: a luz dos seus avessos”, sistematiza as produções poéticas do escritor evidenciando que todas elas são marcadas pelos desdobramentos da voz lírica que busca representar o sujeito, a realidade e a consciência do artifício poético. Nesse aspecto, o crítico afirma que a lírica gullariana revela a postura esquiva, fugidia do poeta moderno. A primeira obra, *Luta Corporal* (1954), por exemplo, revela uma “investigação de si”, uma espécie de cosmogonia pessoal. O processo poético nela construído salta de maneira vertiginosa da ordem do meditativo de símbolos tradicionais a uma outra ordem, despersonalizada. Trata-se de polarizações, de uma luta com as palavras. Lafetá (2004) analisa esse livro inicial como um jogo de radicalismos entre o lirismo mais puro, a subjetividade mais poderosa, e o seu caminho oposto.

Nos poemas seguintes, escritos entre 1954 e 1960, agrupados em *O vil metal* (1966), ambos os estudiosos, Villaça e Lafetá, reconhecem um aspecto mais amadurecido dessas tensões, o que não quer dizer o cessar dessas polarizações. Há, segundo eles, uma consciência da desagregação, da despersonalização, que é afirmada na poética do livro pelo viés da ironia. Segundo Lafetá, há nesse livro “maior amadurecimento, maior controle de

linguagem com a mesma visão amarga, temperada agora com uma espécie de calma que tem os grandes artesãos” (LAFETÁ, 2004, p. 87).

Diante do panorama que se estabelece, a poesia gullariana parece lançar-se, a cada obra, em direção a uma composição mais organizadamente construída dos elementos dramáticos. Como num processo de busca pela modulação da expressão da linguagem que consiga articular a representação do sujeito e do mundo, essa poética segue, tendo como pilares das tensões fundamentais constitutivas o tempo, a linguagem e a persona lírica. Deflagrado como uma operação de linguagem, interessa ao trabalho poético tanto o fim (a representação do sujeito e da sociedade) quanto o processo (o artifício utilizado).

No livro *Dentro da noite veloz* (1975) bem como em *Poema Sujo* (1976), pode-se notar uma contínua dialética na representação do sujeito e do mundo, sintetizada em uma unidade complexa e orgânica, que apresenta a necessidade de reconstruir, despersonalizar a subjetividade pessoal na relação (e em relação) com as coisas, com os objetos do mundo. Trata-se de um impulso vital que une no trabalho poético a recriação do retrato do indivíduo e do retrato social:

Ocorre um desdobramento do sujeito: há aquele que se cola à imanência dos fatos lembrados e há aquele que, instalado no presente da elaboração poética, interpreta esses fatos. O efeito na leitura é o de ir e vir do sensorial ao reflexivo, do vivo afeto à sua compreensão. Vencendo a antiga dicotomia luz ou sombra, fogo ou escuro, Gullar considera que “uma coisa está em outra” [...]. Daí emerge um generoso imaginário que trata, sobretudo do que está incluso, do que se move dentro, do que se encerra vivo na história pessoal e na história de todos. (VILLAÇA, 1998, p. 103).

Assim, para Villaça, a poesia gullariana é uma sincronização: “seu horizonte está no conhecimento de um grande sistema geral do qual cada coisa se desloca e para o qual cada coisa se converge” (VILLAÇA apud LAFETÁ, 2004, p. 135).

Na poética gullariana há uma recriação dos elementos subjetivos e sociais, a fim de convergir, de forma conflitiva, no plano estético estas vozes. Trata-se de uma poética que consegue tanto representar de maneira singular e despersonalizada a subjetividade e o mundo empírico vivido e refletido. A poética de Ferreira Gullar explicita, portanto, na expressão da persona lírica, o desajustamento das dimensões eu/mundo em uma forma própria, desfigurativa, que expressa e reflete o conflito entre esses eixos.

Pretende-se nas páginas seguintes evidenciar como essa dinâmica da representação da persona lírica é construída nos poemas “Traduzir-se”, “Primeiros anos” e “Poema Obsceno” do livro *Na Vertigem do dia* (1980).

2 Os desdobramentos da persona lírica *Na Vertigem do Dia*.

A obra *Na Vertigem do Dia*, posterior ao *Poema Sujo*, abriga poemas escritos pelo poeta em meados do ano de 1975. Nesses poemas, pode-se observar uma intensidade na configuração poética dos dilemas e desdobramentos da persona lírica, ainda que esta seja uma característica geral da poesia de Ferreira Gullar. As antinomias existenciais reveladoras da persona lírica têm, nessa obra, grande êxito na dialética entre a representação do sujeito poético e do sujeito histórico-social. O poema “Traduzir-se”, nas cinco primeiras estrofes, por exemplo, exemplifica cabalmente o exercício da poética gullariana pela busca da despersonalização, trazendo à tona a configuração de uma voz lírica múltipla, marcada por fragmentos opositores:

Uma parte de mim
é o todo do mundo:
outra parte é ninguém:
fundo sem fundo

Uma parte de mim é multidão:
Outra parte estranheza
e solidão

Uma parte de mim
Pesa, pondera;
Outra parte
delira

Uma parte de mim
Almoça e janta:
Outra parte se espanta

Uma parte de mim
é permanente
outra parte se sabe de repente.
(GULLAR, 2004, p. 12).

Pela configuração adotada no poema, pode-se notar uma relação entre o eu-indivíduo e o eu-coletivo. Trata-se de um sujeito dividido, cujas partes se traduzem no mundo, na multidão “que pesa, que almoça e janta”; ao mesmo tempo em que também é delirante, fugidia e solitária, “fundo sem fundo”. Observa-se, nesse sentido, desde o início do poema, a despersonalização da voz lírica, que busca identificar a si e ao mundo que a cerca. Tanto o sujeito quanto a realidade são apresentados de maneira desfigurada e contraposta.

Dicotomicamente, a voz do poema se desdobra em uma expressividade íntima e pública, em uma representação que é do mundo, é multidão, mas que também é ninguém, é fundo sem fundo, é estranheza e solidão. Desrealiza-se o sujeito e o mundo empírico, trazendo ao trabalho poético a empreitada de articular esses elementos, como ocorre nas duas últimas estrofes do poema, que se seguem:

Uma parte de mim
é só vertigem:
outra parte linguagem.

Traduzir uma parte
na outra parte
- que é uma questão
de vida ou morte –
será arte ?
(GULLAR, 2004, p. 13).

Essas estrofes conseguem explicitar a metapoética de Gullar, uma vez que além de demonstrar a despersonalização do sujeito e do mundo, reflete sobre a dramatização da voz/persona lírica que relacionalmente representa, traduz, a subjetividade, o mundo e o artifício artístico como “uma questão de vida ou morte”:

O simples contraste binário torna-se uma tradução complexa e dialética, na qual já nenhuma parte estabiliza. Luz e sombra, exterioridade e interioridade, presença histórica e desvão psicológico não são atribuições permanentes; permanente é o movimento vital de que decorrem suas íntimas conversões. (VILLAÇA, 1998, p. 105).

O contraste e a confluência das esferas íntimas e públicas expressos na persona poética são o *letmotiv* da poesia de Ferreira Gullar. Tal arranjo poético, capaz de demonstrar a angústia do sujeito dividido, despersonalizado, revela, segundo Lafetá, o alicerce da poesia moderna já que desenvolve uma profunda pesquisa sobre a ordem filosófica do ser e de estar no mundo (LAFETÁ, 2004, p. 150).

O desdobramento da persona lírica, que diz sobre a sociedade, quando expõe a mais profunda subjetividade, está também configurado no poema “Primeiros Anos”. Ainda que se utilize de um tom memorialístico, despersonaliza-se simultaneamente a individualidade e a coletividade na voz que expõe, logo na primeira estrofe, a ironia da oposição entre “vida de merda” e “Rua dos Prazeres”:

Para uma vida de merda
nasci em 1930
na Rua dos Prazeres
(GULLAR, 2004, p. 53).

A experiência poética se revela nas epifanias íntimas, as quais já de logo entrelaçam o sujeito, sua subjetividade aos objetos. Tudo se confunde e se desfigurativiza-se: o sentimento de solidão do sujeito, sua expressão, se emparelha ao objeto e ao espaço:

Nas tábuas velhas do assoalho
por onde me arrastei
conheci baratas e formigas carregando espadas
caranguejeiras
que nada me ensinaram
exceto o terror
(GULLAR, 2004, p. 53).

Nota-se que o sujeito se despersonaliza e se desumaniza-se, confundindo-se e misturando-se com o lugar, com os insetos. Trata-se de um trabalho de desfigurativização e tentativa de construção da identidade da persona poética (desfigurativizada) que traduz a si pelo lado de fora, o eu pelo mundo e vice-versa.

A estrofe que se segue evidencia explicitamente a clausura interna, a vontade de gritar desse sujeito que nasce no (e pelo) trabalho poético:

Em frente ao muro negro no quintal
as galinhas ciscavam, o girassol

gritava asfixiado
longe do mar
(longe do amor)
(GULLAR, 2004, p. 53).

Já a quarta e quinta estrofes demonstram o exterior, o barulho fora dessa clausura da casa, ou seja, o mundo poético que cerca esse sujeito:

E, no entanto o mar jazia perto
detrás de mirantes e palmeiras
embrulhado em seu barulho azul

E as tardes sonoras
rolavam claras sobre nossos telhados
sobre nossas vidas
E no meu quarto
eu ouvia o século XX
farfalhando nas árvores da quinta.
(GULLAR, 2004, p. 53).

Nota-se, sobretudo na última estrofe, a articulação desses espaços, interior e exterior. A intimidade, “o quarto”, é relacionada ao mundo, “que jazia perto”. A privacidade, a casa do sujeito lírico, é, por fim, amalgamada ao externo, ao mar. Ratifica-se assim a articulação entre o exterior e o interior revelando a interpenetrabilidade desses espaços.

Outro poema em que se pode notar a despersonalização, que permite a confluência do lado público e do lado subjetivo é “Poema Obsceno”¹. Tendo por base a realidade brasileira, que é transfigurada assim como a representação subjetiva, o artifício da linguagem poética traz esses elementos amalgamados:

Façam a festa
cantem e dancem
que eu faço o poema duro
o poema-murro

¹ O formato do poema foi uma tentativa de aproximar do modo com que o poema é exposto na obra *Na Vertigem do Dia*. Buscou-se respeitar a organização das palavras na página, às vezes isoladas, em caixa alta e espaços vazios. A edição utilizada consta nas referências bibliográficas.

sujo
como a miséria brasileira
Não se detenham:
façam a festa
Bethânia Martinho
Clementina
Estação Primeira de Mangueira Salgueiro
gente de Vila Isabel e Madureira
todos
façam
a nossa festa
enquanto eu soco este pilão
este surdo
poema
que não toca no rádio
que o povo não cantará
(mas que nasce dele)
Não se prestará a análises estruturalistas
Não se entrará nas antologias oficiais
Obsceno
como o salário de um trabalhador aposentado
o poema
terá o destino dos que habitam o lado escuro do país
– e espreitam
(GULLAR, 2004, p. 16).

Declaradamente a poética gullariana se caracteriza nos versos acima pela construção do poema duro, poema murro que nasce do choque, confronto entre o eu e o mundo. Como explicitado, esse poema “não toca no rádio”, nem é cantado pelo povo, ainda que surja dele. O poema é, portanto, a despersonalização do sujeito e do mundo; liga-se a essas esferas, sem necessariamente sê-las. O jogo poético reconstrói a figura do povo, das coisas do mundo amalgamadas à voz íntima, que representa, dramatiza o mundo interior do poeta. Incluindo-se como parte da festa, “a nossa festa”, a persona lírica é capaz de recriar e dramatizar a subjetividade, e também a coletividade. Trata-se do desdobramento de um elemento e do outro pela linguagem poética.

Conclusão

Diante das análises dos poemas “Traduzir-se”, “Primeiros anos” e “Poema Obsceno”, pertencentes à obra *Na Vertigem do dia*, pode-se notar que a voz que fala no poema é articulação entre a esfera subjetiva e a esfera pública. Nesse aspecto, nos desdobramentos da voz lírica, constatou-se a importância do fenômeno da “despersonalização”, que evidencia que o sujeito e o mundo representados no processo poético não são iguais a pessoa e a realidade empírica, ao contrário eles são construídos no trabalho poético. Tanto a subjetividade quanto a realidade passam por um processo de desfigurativização, tornando-se fragmentos imagéticos, que são tomados pelo processo poético. Esses fragmentos são, então, amalgamados, galvanizados e, sobretudo singularizados, em uma poesia cuja estrutura funciona sob a égide da inversão, da transformação. Constatou-se, assim, que a poesia de Ferreira Gullar representa a subjetividade bem como a sociedade pela realização artística, (nos desdobramentos da persona lírica) atentando para o sentido que se constrói no (e pelo) interior da obra. Nesse sentido, a poética gullariana pode ser associada à concepção de poema lírico perfeito, que Theodor Adorno estabelece em “Palestra sobre lírica e sociedade”:

Costuma-se dizer que um poema lírico perfeito tem de possuir totalidade ou universalidade, tem de oferecer, em sua limitação, o todo; em sua finitude, o infinito. Se isso for algo mais que um lugar-comum daquela estética que tem sempre à mão, como panaceia universal, o conceito do simbólico, então isso mostra que em cada poema lírico devem ser encontrados, no *médium* do espírito subjetivo que se volta sobre si mesmo, os sedimentos da relação histórica do sujeito com a objetividade, do indivíduo com a sociedade. Esse processo de sedimentação será tão mais perfeito quanto menos o poema tematizar essa relação entre o eu e a sociedade, quanto mais involuntariamente essa relação for cristalizada a partir de si mesma no poema. (ADORNO, 2003, p. 72).

Referências

- ADORNO, Theodor W. Palestra sobre lírica e sociedade. In: _____. *Notas de Literatura I*. São Paulo: Editora 34, 2003.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1969.

_____. (Org.). *Leitura de poesia*. São Paulo: Ática, 1996.

BRIK, O. Ritmo e Sintaxe. In: TOLEDO, Dionísio Oliveira de (Org.). *Teoria da Literatura – formalistas russos*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1973.

CHIKLOVSKI, V. A arte como procedimento. In: TOLEDO, Dionísio Oliveira de (Org.). *Teoria da Literatura: formalistas russos*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1973.

FRIEDRICH, Hugo. *A estrutura da Lírica Moderna*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1978.

GULLAR, Ferreira. *Na vertigem do dia*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

LAFETÁ, João Luiz. Traduzir-se. In: _____. *A dimensão da noite*. São Paulo: Editora 34, 2004.

NUNES, Benedito. *Hermenêutica e poesia*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

VILLAÇA, Alcides. Gullar: A luz e seus avessos. *Cadernos de Literatura Brasileira*, Instituto Moreira Sales, n. 6, 1998.

Recebido em 31 de outubro de 2012.

Aceito em 3 de abril de 2013.

BÁRBARA DEL RIO ARAÚJO

Mestranda em Literatura Brasileira pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais (POSLIT/UFMG). Bolsista da CAPES. E-mail: barbaradelrio.mg@gmail.com.